



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**“CONSELHO HIGIÊNICO”: SENSIBILIDADES E SABERES
ESCOLARES NO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
INSTITUTO PEDAGÓGICO - CAMPINA GRANDE – PB (1920-
1930)**

Alexandro dos Santos (1); Regina Coelli Gomes Nascimento (2)

¹Autor, Discente do PPGH da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail:
alexandrodossantos09@gmail.com

²Orientadora, Docente da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande –
UFCG. E-mail: reginacgn@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em analisar o processo de construção do corpo educado e disciplinado nas aulas de Educação Física dos estudantes no Instituto Pedagógico da cidade de Campina Grande – PB, no período compreendido entre 1920 a 1930, através da análise dos discursos cívicos, patrióticos e pedagógicos divulgados na época. A documentação consultada como fonte consta de jornais e revistas da época, a exemplo de: A União (1931), O Educador (1932), Brasil Novo (1931), Revista do Ensino do Estado da Paraíba (1932-1937), e a Revista Evolução (1931-1932). Parte da documentação se encontra na biblioteca Atila de Almeida (Campina Grande), Espaço Cultural de João Pessoa e Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Para melhor formular nossas análises partilhamos do aporte teórico-metodológico proposto pelo viés de abordagem da Nova História Cultural, a partir das discussões propostas pelo filósofo francês Michel Foucault (2010) ao estudar a disciplina na sociedade moderna.

Palavras-chaves: Educação Física, Instituto Pedagógico, Campina Grande, Disciplina.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a produção e a construção de corpos educados e disciplinados dos estudantes do Instituto Pedagógico na cidade de Campina Grande – PB, no período de 1920 a 1930, através da análise de discursos cívicos, patrióticos e pedagógicos¹. Esse trabalho está situado no campo de discussões da História da Educação. Seu início ocorreu enquanto resultado do projeto *Cartografias das práticas e saberes disciplinares em Campina Grande – Paraíba (1900-1930)*, desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de história da UFCG² durante o ano de 2011.

Pinheiro (2002) ao pesquisar a expansão dos grupos escolares na Paraíba, afirma que os mesmos passaram por dois momentos distintos: primeiro o considerado período de “passagem”, que vai de 1916 a 1929 e caracteriza-se pela coexistência de dois modelos de organização escolar: de um lado, as escolas rudimentares e elementares. O segundo momento teve início a partir de 1930, quando o modelo de organização escolar caracterizado pelos grupos escolares passou a predominar (PINHEIRO, 2002. p.123 – 124).

Ainda segundo o autor a década de 1930, produziu reformas no setor educacional brasileiro. A historiografia da educação brasileira passa a analisar as repercussões das políticas educacionais implementadas pelo estado de diversos ângulos, revelando, a cada novo estudo, a complexidade desse período para a história brasileira em geral e, em particular, para a história da educação (PINHEIRO, 2002).

Dessa forma para pesquisarmos a História da Educação em Campina Grande – PB, nas primeiras décadas do século XX, estabelecemos dois marcos temporais. O primeiro marco se localiza no início do século XX, onde surgem vários espaços

¹ O trabalho aqui discutido foi desenvolvido pelo discente bolsista Alexandre dos Santos em conjunto com a docente Prof^a Dr^a. Regina Coelli Gomes do Nascimento do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

² O Programa de Educação Tutorial do Curso de História do Centro de Humanidades da UFCH foi aprovado no ano de 2009, passando a funcionar a partir de outubro do mesmo ano, desenvolvido atividades de pesquisa, ensino e extensão. Pesquisa essa que possui como objetivos investigar “a constituição do corpo educado e disciplinado de crianças e jovens na cidade de Campina Grande – Paraíba no período de 1900 a 1940”. Ver “CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS E SABERES DISCIPLINARES EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (1900-1940)”. Maio de 2012. <http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/>.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

destinados à educação na cidade. É nesse momento que se tem a criação do *Colégio 15 de Novembro em 1905, o Colégio – Instituto Spencer*, que funcionou entre os anos de 1915 e 1917, do *Instituto Pedagógico Campinense*, criado no ano de 1919 pelo até então Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis, e o *Instituto São Sebastião*, de 1920, obra do professor e poeta Anézio Leão (CÂMARA, 1947, p. 89-93).

O segundo período por qual passa a História da Educação em Campina Grande – PB, ocorre na década de 1930, quando o modelo de educação da cidade passa a notar significativas mudanças estruturais, a partir da inauguração de colégios com caráter particular e ligados a ordens religiosas. Um primeiro exemplo dessas instituições de ensino foi a criação do *Colégio Imaculada Conceição* em março de 1931 (conhecido por *Colégio das Damas* que em seus primeiros anos de funcionamento dispunha o ensino exclusivamente para o sexo feminino), em abril do mesmo ano é inaugurado por iniciativa do vigário José Delgado o *Colégio Diocesano Pio XI*, na Igreja Matriz hoje a Catedral de Campina Grande - PB. No ano de 1932, esse educandário é transferido para a Rua João Pessoa (CAMARA, 1947, p. 87-93).

Neste trabalho temos o objetivo de analisar o Instituto Pedagógico, criado no ano de 1919 na Rua Barão do Abiaí centro de Campina Grande – PB, com ensino destinado para o primário e secundário, com educadores de ambos os sexos, sendo composto de duas cadeiras oferecidas por seus fundadores o Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis e a professora normalista Ester de Azevedo. No mês de maio de 1924, o instituto é transferido para outro local. A nova sede seguia as modernas exigências higiênicas e pedagógicas, situada na mesma rua com o número 327, onde por ventura ainda permanece até hoje, onde se encontra o Colégio CAD³, uma homenagem ao seu criador o Tenente Alfredo Dantas⁴ (SANTOS, 2012, p. 4). Alguns anos depois o Instituto passou a se chamar Ginásio Alfredo Dantas. O ano de 1945, representa o fim da administração de seu fundador o tenente Alfredo Dantas, sujeito importante na

³ Para maiores informações a respeito da história do Instituto Pedagógico e seu criador o Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis consultar o livro *Memórias de Campina Grande* do memorialista Ronaldo Dinoá. DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º Volume. Campina Grande – PB.

⁴ Ver SANTOS, A. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. Educação “gymnastica” e física no Instituto Pedagógico: um olhar a partir da revista *Evolução*. IN. *II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades*, 2012. Caicó – RN. *Anais – II Colóquio Nacional História e Sensibilidades*, 2012.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

configuração educacional naquela época, marcando assim uma nova etapa nas páginas da História da Educação em Campina Grande – PB. Para se pensar aspectos relacionados a modernidade da educação em Campina Grande – PB, nas primeiras décadas do século XX, o Instituto Pedagógico “se constitui como um bom marco cronológico, por que a criação do educandário justifica-se na necessidade da modernização da educação para Campina se sentir moderna” (SILVA, 2010. p. 8).

Para a historiadora Paloma Porto Silva, um dos aspectos que diferenciava o Instituto Pedagógico de outros educandários existentes na cidade, no começo do século XX, era o caráter militarista presente na estrutura da escola. A instituição foi criada por um Tenente do Exército brasileiro, e entre seus cursos disponibilizava a seus discentes um “curso militar, destinado a preparar os jovens para a defesa da Pátria”, chamado “Escola de Instrução Militar General Pamplona”, que também era conhecida como “Escola de Tiro 243” (*Idem*, p. 50-51). Os jovens campinenses que buscavam se formar no instituto tinham em mente a disciplina e a obediência características das escolas militares, bastante comum naquele período na formação da juventude brasileira. O instituto tinha em seu hino a exaltação dos exercícios militares e o desejo de militarizar a juventude campinense, além do caráter educativo uma de suas principais características:

Hino do Instituto Pedagógico

(Murilo Buarque)

Quando alegre e felizes marchamos / Sob o azul deste céu impoluto / Sem querer a sorrir exaltamos / O áureo nome do nosso Instituto / Há do livro ser a couraça / E a caneta há de ser o fuzil / Para a glória eterna desta raça / Que é o orgulho do nosso Brasil / Ó bravos filhos do Norte / A Pátria quer nosso tributo / Nosso ideal excelso e forte / É ver a glória do Instituto / Se a nossa vida é uma liça / É mister tudo assim vencer / Só poderemos ter justiça / Com a luz sublime do saber /

Não podemos perder um minuto / Precisamos lutar e vencer / Para a glória nosso Instituto / Excelso templo de imortal saber / Somos filhos das plagas do Norte / E vivemos à luz do cruzeiro /



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Defendendo tal qual o mais forte / O auriverde pendão brasileiro/

Honraremos o nosso Instituto / Propaganda sem trégua a instrução / Pois o nosso sublime reduto / Diz que o estudo é a melhor diversão / O Pedagógico é uma grande oficina / Ao clarão da áurea luz do saber / Quem estuda há de ter disciplina / Para um dia cumprir seu dever (DINÓIA, 1993, p.245).

A partir da leitura do hino notamos a presença do ideal de segurança nacional, o Estado passa a enxergar na escola o espaço privilegiado para a propagação dos ideais de nacionalidade, civismo e patriotismo. Recaía sobre a educação das crianças o interesse em repassar esses ideais que seriam levados aos demais membros da sociedade. Com o hino do Instituto Pedagógico podemos perceber as noções de pátria e civismo, característico do pensamento brasileiro a partir da década de 1930, que ficou mais notório com a ascensão do governo de Getúlio Vargas. A respeito das cerimônias cívicas que fizeram parte do imaginário brasileiro a partir dos anos 30. Parada (2009), comenta que:

As grandes cerimônias cívicas produzidas durante esse período voltadas para a juventude foram, na maioria das vezes, lideradas pelos professores de educação física, tanto civis, como militares. Os temas da eugenia, da segurança nacional se faziam presentes numa pedagogia publicamente espetacularizada; o jovem “sadio”, “disciplinado” e “nacional” era apresentado como condição da modernização do país. (PARADA, 2009, p. 163).

O ensino de Educação Física vai ganhar destaque na formação dos jovens brasileiros tanto do sexo feminino como também do masculino. No Instituto Pedagógico essa disciplina ao lado de outras como por exemplo a de Higiene, buscava disciplinar, higienizar, reparar desvios de conduta, maus costumes, práticas domiciliares que as crianças e adolescentes aprendiam em suas casas e levavam para o convívio escolar. No terceiro número da *Revista Evolução* publicada no ano de 1931, a professora normalista do Instituto Pedagógico Francisquinha Amorim, em artigo intitulado *Cultura Física: Para a família campinense*, crítica as pessoas contrárias ao ensino de Educação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Gymnastica, e sai em defesa dos benefícios trazidos pela prática dessa disciplina para as jovens do sexo feminino:

Em todos os meios adiantados, já foi provada a grande importância da cultura física, porém em Campina Grande, cidade *Leader*, do interior do Nordeste Brasileiro, esta verdade ainda não está evidente.

Nossa gente tem ojeriza a tudo que se relaciona a esta instrução, para o sexo feminino.

É tachada de leviana, de fútil, e, até de louca, a jovem adpta dos esportes.

Há quem censure a educação do “Instituto Pedagógico”, porque neste estabelecimento a gymnastica (um dos fatores da saúde humana) e outros exercícios físicos fazem parte integrante de seus programas de ensino (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, Nº3. p.26).

No trecho acima notamos na fala da professora normalista Francisquinha Amorim, que o Instituto Pedagógico, se apresentava enquanto uma instituição de ensino inovadora em relação as práticas pedagógicas destinada a formação de seus discentes. No momento que a sociedade brasileira, pregava valores conservadores, onde as mulheres deveriam desenvolver atividades destinadas à sua formação doméstica, o instituto oferecia o ensino de Educação Física, que para muitos educadores da época não era digno do sexo feminino e sim do sexo masculino. Guacira Lopes Louro (2010), pesquisadora brasileira que trabalha a partir das discursões de gênero, fala que o ensino de Educação Física nas escolas brasileiras, vai ser uma das maneiras mais fáceis de separar genericamente os corpos masculino e feminino, “[...] no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupam de formas distintas” (LOURO, 2010. p.60). No Instituto Pedagógico o Sargento Moises de Araújo, era o instrutor responsável por ministrar as aulas de Educação Física, para os sexos masculino e feminino. A instrução dos meninos buscava formar os futuros soldados da pátria, jovens que atendessem o trabalho na indústria e no serviço militar. Para as meninas a instrução da Educação Física, procurava dispor as jovens noções básicas de comportamento como mulheres de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

boa família se mostrando diante da sociedade exemplos a serem seguidas de boa filha, mulher e mãe.

A Educação Física na escola buscava salientar um físico harmônico, em estado de equilíbrio funcional, de imunidade biológica e de perfeita adaptação ao meio, como complemento da educação intelectual. A prática da Educação Física envolvia aspectos higiênicos, estéticos, intelectuais, didáticos, como uma atividade racional e ponderada, modeladora dos sentidos e responsável pela lapidação do corpo e dos costumes.

METODOLOGIA

Nossas reflexões teórico-metodológicas estão baseadas nas concepções fornecidas pela Nova História Cultural, principalmente nos conceitos formulados pelo filósofo francês Michel Foucault (2010) ao estudar a disciplina na sociedade moderna. Segundo Foucault, a disciplina “é uma técnica de produção de corpos dóceis”. Esse autor, investigou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, e padrões "normais" de conduta estabelecida pelas ciências sociais. Com esse trabalho, explicitou-se a noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição. Ainda segundo Foucault:

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. [...] Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos (FOUCAULT, 2010, p.138).

Para Foucault “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2010. p.9). Portanto disciplinar e higienizar os discentes era o principal discurso presente nas aulas



de Higiene e Educação Física ministradas pelos educadores do Instituto Pedagógico, e outras instituições de ensino de Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX, ao dispor a seus discentes as práticas pedagógicas dessas disciplinas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. O ensino de Educação Física como modeladora de corpos robustos e sadios no Instituto Pedagógico.

As práticas do ensino de Educação Física que circularam nas escolas de Campina Grande, durante as primeiras décadas do século XX, faziam parte de um processo chamado medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos das crianças. Alcançar uma mente perfeita, detentora de conhecimentos e capaz de formar opiniões, esses eram alguns dos muitos benefícios que a prática da “cultura física” trazia ao corpo das crianças e jovens que praticam atividades físicas. O ensino de Educação Física era o caminho a ser percorrido por quem desejava um corpo e uma mente fisicamente capaz. O desenvolvimento intelectual contém relação direta com a formação física, é nessa linha de raciocínio que os preceitos físicos eram vistos por quem desejava praticar atividades físicas nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

De acordo com Ghiraldelli Júnior (1991), quando recorremos a história da Educação Física no Brasil, é notamos “cinco tendências da Educação Física brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagogista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e finalmente, a Educação Física Popular” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.16).

A Educação Física Higienista e Militarista fazem parte de um projeto medico-higienista que circulou em meio a sociedade brasileira ainda durante a segunda metade do século XIX, e continuou viva na mentalidade dos brasileiros por quase toda a primeira metade do século XX, com o intuito de educar os corpos dos futuros filhos/as da Nação. Foi sem dúvida sobre o corpo das crianças que os cuidados medico-higienistas foram depositados com maior intencionalidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A preocupação em torno da Educação Física Higienista toma como direcionamento a questão da saúde em primeiro lugar. O grande papel dessa disciplina está relacionado com formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos a servi a Nação. Os cuidados começavam ainda durante os primeiros anos de vida das crianças, quando essas adentravam o espaço escolar, garantindo assim seu futuro sadio. “A Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.17). A ginástica, os esportes, os jogos contribuíam para a disciplina e higiene dos hábitos das pessoas. Essa disciplina atingia a robustez corporal da juventude, e o saneamento público prescrevendo e livrando a sociedade de doenças contagiosas.

A Educação Física Militarista passa a ser melhor divulgada em meio a sociedade brasileira durante o governo de Getúlio Vargas, com um caráter eminentemente militarista essa disciplina tinha por finalidade a formação do físico e do caráter do jovem brasileiro. O corpo desse jovem, devia estar preparado fisicamente para o combate militar e a representatividade da Nação. Nessa concepção de Educação Física a ginástica, os esportes, e os jogos só possuíam utilidade se contribuíssem para a eliminação das incapacidades físicas. “A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõe a plataforma básica da Educação Física Militarista” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.18).

No início do século XX, os brasileiros presenciaram a emergência de uma nova “cultura escolar”, “as crianças tornam-se alvo de uma permanente tentativa de controle de seus movimentos nos espaços e tempos escolares” (VAGO, 2002, p.125). Por parte dos responsáveis pela administração escolar foram muitas as tentativas de encontrar o modelo ideal de disciplina das crianças. Tarcísio Mauro Vago (2002), em seu livro “Cultura Escolar, Cultivo de Corpos”, discute o conceito de “cultura escolar” referindo-se a um conjunto de saberes, normas e práticas transmitidas e incorporadas de acordo com diferentes objetivos escolares, demonstrando como as instituições promovia a prática da Educação Física das crianças. A “cultura escolar” representava a cultura dos corpos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A construção de um corpo robusto e sadio era um, dos muitos benefícios proporcionados pela prática da Educação Física, que aliada com o ensino de Higiene remodelava e transformava corpos até então raquíticos, débeis, mal desenvolvido, sem higiene, ou seja, aqueles considerados perante a sociedade sem capacidades físicas e higiênicas.

Um dos muitos objetivos da prática da Educação Física era a educação e produção de sujeitos disciplinados e higienizados. Para almejar tais metas, as autoridades responsáveis pela educação nas mais diferentes regiões do país, realizaram uma verdadeira cruzada com o objetivo de educar fisicamente as crianças dentro das escolas, repassando esse saber ao ambiente doméstico. A escola passa a ser o espaço ideal para a disseminação dos mais diferentes discursos em torno da causa da educação.

Alcir Lenharo (1986), em seu livro “A Sacralização da Política”, afirma que no início do século XX no Brasil, o corpo passa a está na ordem do dia e é sobre ele que estão voltadas as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como o exército, a Igreja, a escola, os hospitais. Todos donos de um mesmo discurso onde a educação física da criança era o objetivo maior a ser alcançado. “De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transforma-la passava necessariamente pelo trato com o corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano” (LENHARO, 1986, p.75). Para Lenharo,

A importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimadas. A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com a espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avança nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade (LENHARO, 1986, p.79).

A produção de corpos fortes, dóceis e capazes de atender as demandas de um país civilizado e moderno, era o desejo dos brasileiros responsáveis por fazer funcionar o sistema educacional do país. Foi sobre o corpo da criança e dentro da escola que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educadores, higienistas, médicos e engenheiros realizaram verdadeiras campanhas com a intenção de transformar a realidade daqueles corpos, que em um futuro próximo ocupariam o lugar de representantes da Pátria.

No começo do século XX, a divulgação de práticas higiênicas foi decisiva na busca da formação de um corpo harmônico. A harmonia ocorria quando as capacidades físicas e mentais estavam em comum acordo, uma não podia em hipótese alguma se sobressair sobre a outra, causando descontroles físicos e mentais. A disciplina de Higiene foi a responsável pela transformação nos hábitos higiênicos dos alunos/as. Ao lado da disciplina de Educação Física a de Higiene passa a atuar diretamente na formação das crianças. As instituições de ensino, adotam essas duas disciplinas como maneira de formar os futuros representantes da Nação brasileira. A educação do corpo fazia parte de um programa de renovação pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Campina Grande nas três primeiras décadas do século XX, experimentou significativas mudanças em sua arquitetura, política, cultura e educação, graças ao acentuado desenvolvimento pelo qual passava devido a produção algodoeira. Esse produto agrícola foi o responsável direto pelo desenvolvimento econômico da cidade entre as décadas de 1920 e 1930, do século XX. O sonho de uma cidade moderna e civilizada se concretizou graças a incorporação de símbolos do moderno como o melhoramento de avenidas, encanamento de água e esgoto, advento do transporte, telégrafo, telefone e a chegada da ferrovia que trazia as últimas novidades das grandes metrópoles nacionais a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo. Esses novos instrumentos do moderno transformaram a realidade das pessoas que passaram a incorpora-los a seu dia a dia. Com tantas novidades os moradores buscavam educar seus filhos a partir dos novos ideais que passaram a surgir e fazer parte da realidade



educacional da cidade. Uma cidade moderna necessitava de escolas que também seguissem o mesmo caminho.

É nesse contexto o Instituto Pedagógico vai ser para a população de Campina Grande um exemplo de instituição de ensino que se adequava as novas exigências pedagógicas propostas pelos padrões modernos que os moradores locais faziam questão de vivenciar. Oferecendo o ensino de Higiene e Educação Física, os diretores do Instituto buscavam modernizar e civilizar o corpo das crianças que frequentavam os bancos escolares da instituição. De acordo com o projeto modernizador e civilizatório implementado na cidade que tinha na prática da Educação Física o caminho pelo qual se buscava educar, disciplinar, higienizar, modernizar e civilizar o corpo das crianças. Aqueles que em um futuro próximo iriam ser os legítimos representantes da Pátria campinense.

As atividades físicas feitas por homens e mulheres aumentavam as resistências do corpo, auxiliando no controle do organismo humano, controlando as enfermidades provocadas pelo clima, falta de higiene, e alimentação mal feita. Para se manter um corpo saudável e harmônico a pessoa deveria obrigatoriamente fazer atividades físicas regularmente, em locais arejados, iluminados e planos, com roupas apropriadas para cada tipo de exercício. Não se demorava muito e logo percebia-se os benefícios trazidos pela prática das atividades físicas. Portanto a disciplina de Educação Física fez parte de um longo projeto médico-pedagógico que circulou entre as principais cidades brasileiras atuando sobre o corpo de homens, mulheres, crianças e jovens ditando normas disciplinares e higiênicas.

REFERÊNCIAS

- CAMARA, Epaminondas. Datas Campinense. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988.
- DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande. 2º volume.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 2010.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Educação Física Progressista – a Pedagogia Crítico – Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. Paulo Ghiraldelli Júnior. Prefacio: José Carlos Libâneo. Vol. 10. Edições Loyola, São Paulo - Brasil, 1991.

LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas. 2ª ed. São Paulo. Papirus, 1986.

LOURO, Guacira Lopez. Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PARADA, Mauricio. Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo/ Mauricio Parada. - Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2009.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. Da era das cadeiras isoladas é era dos grupos escolares na Paraíba / Antônio Carlos Ferreira Pinheiro. – Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

SANTOS, A. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. Educação “gymnastica” e física no Instituto Pedagógico: um olhar a partir da Revista Evolução. In. II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, 2012. Caicó – RN. Anais – II Colóquio Nacional História e Sensibilidades, 2012. Disponível em: <http://coloquioufrnii.Webnode.Com/anais-do-evento/> acesso em 19/09/2013.

SILVA, Paloma Porto. (DES) Alinhando Alguns Fios da Modernidade Pedagógica: um estudo sobre as práticas discursivas em torno da educação infantil em Campina Grande – PB (1919 – 1945). / Paloma Porto Silva. – João Pessoa: [s.n] 2010.

VAGO, Tarcísio Mauro. Amaciando os bárbaros: ordem nos trabalhos escolares. In: _____ . Cultura Escolar, Cultivo de Corpos. São Paulo: USF, 2002.